

Caixa 27  
11



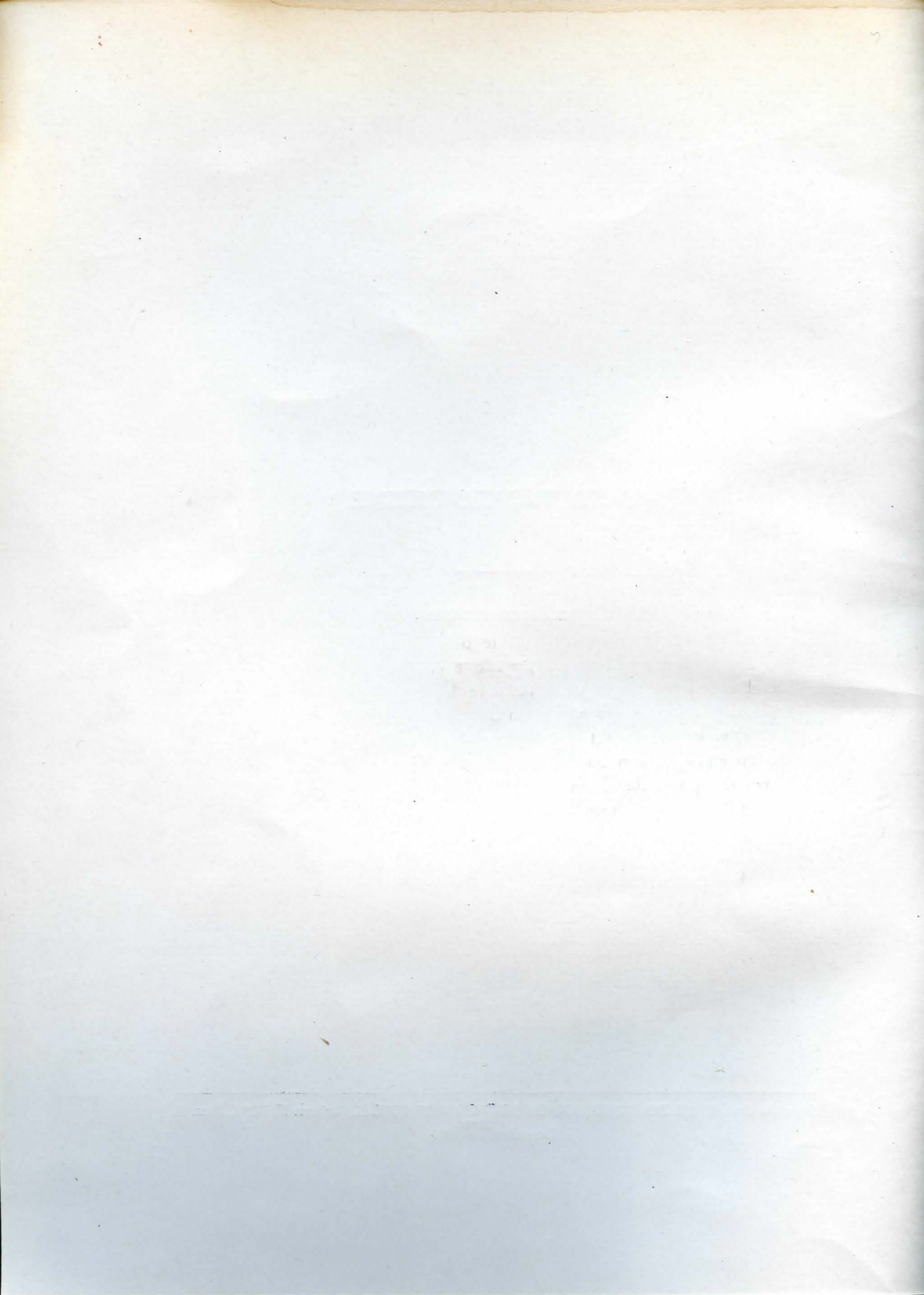
# O NATIVO DO BILENE

---

CLÁUDIO FERREIRA

---

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
E DE MEDICINA TROPICAL  
DE LISBOA  
BIBLIOTECA



# O NATIVO DO BILENE

CLÁUDIO FERREIRA

---

## INDICAÇÕES GERAIS

Bilene é confrontado a Norte pela Circunscrição do Guijá, a Sul, pelo Oceano Índico, a Leste, pela Circunscrição do Chibuto e Concelho de Gaza, a Oeste, pelas Circunscrições de Magude e Manhiça. A área aproximada é de 4.800 quilómetros quadrados.

*Comunicações* — É grande a rede de estradas. A mais importante (estrada de primeira ordem) é a que vai de Lourenço Marques a Inhambane, passando pela Macia, sede da Circunscrição do Bilene; esta estrada dá acesso, durante todo o ano, para o Norte da Província, ao elevado e constante trânsito de camiões de carga e passageiros, quer do Estado quer das diversas empresas de transportes colectivos dos particulares, camionetas, carros de turismo, etc. Outras estradas (de segunda e terceira ordem) sulcam também a Circunscrição em várias direcções, estabelecendo comunicações com as regiões vizinhas e mantendo com elas intenso trânsito e intercâmbio comercial.

A Circunscrição do Bilene é também dotada de um campo de aviação onde, por enquanto, podem aterrar sem dificuldade só aviões de pequena estrutura. O campo tem sido da maior utilidade em casos de emergência, sobretudo em casos de bloqueio da região, consequente das inundações pluviosas.

*Hidrografia* — O rio mais importante é o Incomati que noutros tempos, em virtude de deficiência de outros meios de transporte, era aproveitado para navegação; no decurso da quadra pluviosa e mesmo depois desta, era navegável de Lourenço Marques até ao Lago Chuale



e mesmo até ao Posto fluvial de Magul, local muito próximo do monumento de Magul, comemorativo da gloriosa batalha que se travou em plena planície em 8 de Setembro de 1895, entre o reduzido número de soldados portugueses e milhares de insubmissos nativos.

A zona Sudeste do Bilene é banhada pelo Oceano Índico que forma a pitoresca praia de S. Martinho. Esta praia é sem dúvida uma estância aprazível, de clima ameno, de um encantador panorama, distando apenas 36 quilómetros da Macia e 143 da cidade de Lourenço Marques. Um avultado número de turistas portugueses e estrangeiros, designadamente sul-africanos, apesar de a praia estar ainda na sua fase inicial de propaganda, vão para ali repousar das fadigas, retemperar o organismo, dedicando-se a um dos desportos mais favoritos que é o da pesca.

*Flora* — Não são muito extensas nem uniformemente espalhadas as manchas florestais na área do Bilene; as árvores de grande porte servindo para madeira, são: *afzelia quanzensis* (chanfuta), *androstachys johnsonii* (mecrusse), *dalbergia melanoxylon* (pau-preto), *dialium schlechteri* (ziba), *millettia sturilmannii* (jambiri), *pterotheca angolensis* (umbila), *rhamnus zeyheri* (pau-rosa). Além disto, é grande a variedade de árvores de fruto que se encontram, como: bananeiras, cajueiros, mafurreiras, mangueiras, *muidumbeiros*, *ocanhoeiros*, papaeiras, pereiras-goiaba, pereira-abacate, diversas espécies de *strichynos* (massala), ananaseiros, etc. A vegetação predominante é herbácea e sub-arbustivas.

*Fauna* — Não existe caça grossa, à parte hipopótamo. Encontram-se, changos, gazelas, coelhos, jacarés, lontras, avestruz, galinhola, pintada, perdiz, codorniz, pombos verdes, rolas, diversas espécies de pernaltas, patos bravos, cobras e lagartos de grandes dimensões, etc.

*Agricultura e pecuária* — Os produtos agrícolas da região mais frequentes, são: arroz, amendoim, ervilha, feijão, grão, mapira, milho, ameixoeira, batata, batata doce, algodão, tabaco, mafurra, ricino, castanha de caju, etc. Alguns destes produtos são provenientes da cultura indígena organizada, especialmente os alimentícios, mas os outros são de natureza espontânea e silvestre.

Quanto à pecuária, encontramos na região gado asinino, bovino, caprino, ovino, suíno, diversas aves de capoeira, especialmente galinhas e patos.

*Condições climatéricas* — As chuvas são muito irregulares em toda a área do Bilene, sobretudo na parte Noroeste, chamada Vale. Anos há em que a pluviosidade é satisfatória e regular, mas seguem-se outros de chuvas abundantes causando inundações e conseqüentemente todos os prejuízos à agricultura indígena e não indígena; a feição mais assustadora para o nativo são os anos agrícolas de absoluta falta de chuvas, desenrolando-se então o quadro negro da verdadeira estiagem... são anos de fome. Em resumo: o regime da pluviosidade é tudo quanto há de mais irregular.

Os meses de chuva são de Novembro a Março, época de intenso calor. Os meses de Junho e Agosto são de frio. Os restantes são de meia estação.

As médias térmicas, embora dependam de vários factores, oscilam entre 22° a 24,5°.

*Ensino* — Existem 52 escolas de ensino rudimentar espalhadas por várias regedorias e povoações, a cargo de professores indígenas. Estas escolas são directamente subordinadas à Missão Católica de S. Paulo de Messano que, além de lhes prestar constante e profícua assistência religiosa, fiscaliza o ensino. O máximo de habilitação que se obtém nessas escolas corresponde à terceira classe do ensino primário.

## DEMOGRAFIA

A população indígena é de 97.503 habitantes, distribuída em duas tribos: Tonga que dá origem aos Bilas, Mabungelas e Mundaus, e a tribo Zulu, aos Mungunos.

A população forma 32 regedorias que são as seguintes: Acacata, Bangul, Bolene, Canheze, Chabel, Cheaquelana, Chichango, Chigoguana, Chinhangana, Contimpsa, Cuetana, Macia, Machenganhana, Macuana, Maganhana, Mamonho, Manhassana, Mangol, Mangubucha, Manzir, Messano, Muhei, Muzui, Pessane, Solana, Uachissengana, Uadabo, Uamassengana, Uamechinga, Uamecutzo, Uanjuculana e Zuza.

A língua falada é batchangana.

A religião predominante é a Católica Romana; há nativos que professam o Protestantismo.

Os elementos demográficos referentes ao ano de 1940 acusam que a população do Bilene é de 86.785 indígenas.

No censo de 1950, isto é, dez anos depois, a população ascendia a 97.503 ou seja, 10.718 indivíduos a mais que do censo anterior. Portanto, de 1940 a 1950, a população cresceu na razão de 123,5 por mil.

Sendo a área do Bilene, como se disse, de 4.800 km<sup>2</sup>, aproximadamente, a densidade populacional fica sendo de 20 por quilómetro quadrado, uma das maiores densidades da África Oriental Portuguesa, bem entendido, à parte meios citadinos desta Província.

Certamente a densidade populacional seria maior ainda se não fossem diversas circunstâncias determinantes do contrário.

Sabemos bem que existem múltiplos factores que prejudicam o aumento numérico populacional da raça negra.

Postas de parte as teorias Maltuzianas que felizmente não se introduziram no meio nativo, pode-se dizer que o indígena desde que vem ao mundo é cercado de toda a espécie de desconforto; a casa e o local onde nasce, o regime alimentar da primeira infância, as infecções e as doenças constantes que o tormentam, etc., etc., são outras tantas razões que põem em franco perigo a vida do nativo no verdor dos anos.

Não podemos deixar de reproduzir neste lugar *in integra* uma das brilhantes páginas do livro «Programa de Acção Sanitária e Profiláctica» do Doutor Aires Pinto Ribeiro, que narra de uma forma concisa e interessante toda a evolução do indígena nas diferentes fases da vida «A vida do indígena moçambicano pode descrever-se, então, com trágica simplicidade e em bem poucas palavras: ignorância, pobreza e doença, ou até numa palavra só — miséria.

Já seus pais viveram na miséria e na miséria ele nascerá também.

Horas antes de vir ao mundo, por sua causa, é maltratado o ventre que o gerou e, quantas vezes, vítima, também, desses maus tratos, não chega sequer a ver a luz?

Nasceu. Cortaram-lhe o cordão umbilical quase rente e com um instrumento imundo. Se lhe não vier a morte de infecção dessa pequena ferida, como tantas vezes sucede, ficará, pelo menos, com uma excrescência herniária a atestar por toda a vida a triste ignorância da sua raça.

Muitas vezes vem já do ventre materno carregado de males: debilidade congénita, sífilis, etc., que, não raro, o fazem nascer com uma cara engelhada de velho, num escanzelado corpito de menino.

A mãe costuma trazê-lo às costas, coberto apenas com um trapo esfarrapado que quase nunca se lava, mas, em compensação, deixa-o chupar nas magras tetas a qualquer hora, e tudo o que ele tiver na vontade.

Dentro da palhota está sempre a arder a boa fogueira familiar.

Se está frio, todos se aninham perto do lume. Como é agradável o calor! Mas quando a mãe precisa de afastar-se para tratar da sua lida, lá vai ele também às costas dela, apenas coberto com o trapito delgado que o não pode preservar do frio. Se arrefece bruscamente, não tardará que fique num febrão, a tossir de instante a instante, cheio de falta de ar que lhe faz bater as asas do nariz e o sufoca.

Quantos não morrem assim?

Apareceram-lhe os primeiros dentes e, como os dentes são para comer, logo comparticipa da alimentação familiar — uma comida grosseira e fortemente picante, que requer mandíbula forte e tripa já calejada. Pagará muitas vezes o atrevimento com uma enterite que o poderá levar desta para melhor.

Começa a engatinhar pelo chão, que não prima pela limpeza, e onde há umas larvazitas de vermes. Passa horas e horas assim, em contacto com a terra. As larvazitas furam-lhe a pele e, depois de longa e complicada migração, vão fixar-se-lhe no intestino onde lhe sugam o sangue e o intoxicam. Começa, então, a emagrecer, e, por baixo da pele enrugada e poeirenta, vão-se desenhando os ossos cada vez melhor; outras vezes, fica balofo, a cor preta da pele desbotada num cinzento sujo, com um ar estúpido de quem não presta atenção seja ao que for.

Vai passando o tempo. A certa altura tenta segurar-se nas pernas. Para aprender a andar, tem de cair e ferir-se algumas vezes: é quase inevitável que terá de sofrer as consequências das feridas infectadas.

Vai crescendo e, quando as pernas já lho permitem, a curiosidade leva-o a seguir as sendas estreitas e tortuosas do mato espinhoso. Os espinhos duros cravam-se-lhe na pele nua e tenra. No sítio da picada, formar-se-á um abcesso, que, mais cedo ou mais tarde, se reproduzirá em vários pontos do corpo. Mesmo que estes abcessos curem, deixarão cicatrizes viciosas, que algumas vezes deformam monstruosamente a face, ou inutilizam os membros para a marcha e para o trabalho.

A frescura da água convida-o muito cedo a chafurdar nos charcos. Se ainda não tiver a bilharzirose, tê-la-á muito em breve.

Entretanto, é natural que as boubas e a sarna o tenham já acometido, assim como as doenças infecto-contagiosas, as conjuntivites, as supurações auditivas, etc.

Atingida a adolescência, começa a gozar a vida através da orgia sexual e das bebedeiras, desde a turvação passageira das bebidas fermentadas até o coma profundo dos álcoois destilados e o marasmo da soruma (cânhamo), que lhe dá um ar embrutecido e da ruína física e moral de quem nada mais tem a perder.

Muito novo ainda, caminha já na vida com uma carga pesadíssima de males, cada qual o pior. E como se fora pouco, a estes males, que são reais ele ajuntará ainda outros maiores embora imaginários. Desde o alvorecer da consciência, vive permanentemente rodeado das sombras dos que morreram, que mandam mais do que os vivos, e tudo o que lhe suceda, de bom ou de mau, só aos mortos será devido.

Da vida só lhe interessa o momento que passa, sempre dominado por um fatalismo que tudo explica e nada pode evitar.

O leão aguarda-o numa curva do caminho?

Ainda que prevenido, ele, alegre viandante, seguirá sempre a mesma direcção, pois se o leão tiver que o comer, tanto faz seguir em linha recta como em linha curva.

A rapariga cresce no mesmo ambiente dos rapazes, e, ainda menina, inicia a sua vida sexual e começa a ter filhos. Pela vida fora, trabalhará sempre, servirá o marido e os filhos, sempre apagada, e quase esquecida de si.

E é assim incerta a vida do nativo moçambicano.

Mas nas quentes noites do sertão, embora enfraquecido pela doença e pela miséria, ao ouvir o ruído de ritmo aliciante do batuque, põe-se a dançar, aos saltos, dança sem parar, o suor a escorrer-lhe de todo o corpo e, aos gritos, declara a vida o seu desejo e o seu prazer de viver».

Uma das notáveis preocupações das entidades dirigentes desta Província africana tem sido a de melhorar o indígena, moral, física e intelectualmente, pondo-o a coberto de toda a espécie de perigos.

Cumpre-nos destacar no meio desta benéfica actividade, a acção sanitária, que é dispensada ao nativo com zelo, solicitude e prontidão,

acção que vai — digamos — desde a vida intra-uterina até ao termo da sua existência. Recebe pròdigamente, cada vez mais, toda a protecção e assistência. Constante e regular vigilância sanitária, assistência clínica, consultas pré-natais, cuidados depois do nascimento, vigilância no regime alimentar da primeira infância, etc.

Vastas são as modalidades que o Estado adopta para reduzir ao mínimo a mortalidade infantil indígena.

Analisemos agora sucinta e ràpidamente o quadro A relativa ao censo de 1950. Notamos entre as 32 regedorias, 3 com menos de 500 habitantes; 5 com mais de 500; 5 com mais de 1.000; 4 com mais de 2.000; 6 com mais de 3.000; 4 com mais de 4.000; 1 com mais de 5.000; 3 com mais de 6.000 e 1 com mais de 10.000 habitantes.

As mais populosas são as regedorias de Solana e Muzui situadas a Este do Bilene.

Nota-se também com relativa uniformidade que as regedorias seguindo a linha da actual estrada para Lourenço Marques apresentam uma concentração populacional densa, claro, em relação à superfície que ocupam. Qual, pois, a razão de ser? Porventura será meramente para se aproximarem da estrada para maiores facilidades de trânsito e de outros recursos? Não é de aceitar esta hipótese porque a ser assim, não se compreendia que só as referidas regedorias de Solana e Muzui fossem as mais populosas. Quanto a nós, a hipótese mais aceitável explicando os citados aglomerados populacionais está relacionada com a antiga estratégia bélica do famoso régulo Gungunhana que fixava certamente núcleos de individuos ou seus vassallos onde e como queria; no caso presente, fixou-os a Este do Bilene, regiões limítrofes das terras de Gaza, regiões que muito prezava, para se acautelar de qualquer invasão inimiga.

Outro facto interessante que se deduz da rápida análise do referido quadro A é que quase sempre o número de varões do grupo de «menores», é superior ao das fêmeas, verificando-se o contrário no grupo de «adultos», onde o número de fêmeas é superior ao de varões. Qual a explicação deste facto? Parece-nos, salvo melhor opinião, o seguinte: enquanto a fêmea nos primeiros anos da sua existência paga o tributo maior à morte porque é de compleição mais delicada e porque as causas atrás apontadas exercem nela maior violência, o varão resiste mais e melhor. Nos países civilizados não sucederá assim, visto que há noção mais perfeita do combate contra toda

a nosologia da primeira e segunda infância; aproveitam, portanto, os dois sexos, equitativamente, esta luta.

Dissemos que na fase de «adultos» invertiam-se os papéis, isto é, na generalidade o número de fêmeas era superior ao dos varões. Explica-se facilmente: todas as estatísticas mostram bem claramente que a mulher é mais longeva que o homem seja este de actividade profissional braçal ou intelectual, de campo ou de gabinete, civilizado ou inculto; sabemos que o homem se dedica a trabalhos bem mais violentos, bem mais pesados que os da mulher, ficando assim mais sujeito ao perigo nas durezas da labuta quotidiana.

À parte imensos vícios em que, infelizmente, os homens quer nativos quer não, caem com muita frequência o que também representa em grande parte o motivo da existência ser curta, podemos dizer que o homem afadiga-se mais na violência do trabalho e morre mais depressa em relação à mulher.

Resumindo as considerações acima referidas vemos que pelo censo de 1950 o número de varões adultos é de 25.248; o de fêmeas adultas, 29.535; de varões menores, 22.522; e o de fêmeas menores, 20.198.

Estabelecendo as respectivas percentagens chega-se à conclusão de que a superioridade numérica de fêmeas adultas em relação a varões adultos é de quase 20 por cento, sendo certo de que a diferença entre a população de menores é muito insignificante, ou seja uma superioridade de varões na razão de 12 por cento aproximadamente.

## ETNOLOGIA E HISTÓRIA

Se uma grande parte da população nativa passa ainda uma vida primitiva, quase selvagem, desconhecendo em absoluto as vantagens do conforto moderno, há outra, embora uma minoria, que procura enquadrar seus usos e costumes nos domínios da vida cómoda e confortável.

A região do Bilene dá um contingente relativamente grande à emigração; se muitos nativos ficam na Província, os outros seguem para a África do Sul ingressando no serviço das minas do Transvaal. Labutam ali em serviços violentos e árduos a grande profundidade do solo.

Os indígenas que vão pela primeira vez são chamados «*mamparras*» o que quer dizer ignorantes ou inexperientes.

Ao regressar à terra natal, como todo o emigrante, fãiscam a opulência por todos os lados, vêm satisfeitos e bem dispostos. Fazem luzir desde a fivela do cinto até ao áureo dente implantado na boca. São senhores de um bom par de libras na carteira, de uma ou duas malas com o respectivo recheio constante de peças de roupa de vestuário e especialmente as de agasalho, como: mantas, sobretudos, cachecóis, meias altas de lã, etc., de um relógio de pulso, de uma máquina fotográfica, de um par de botas ferradas, por vezes de uma grafonola com os competentes discos, diversos artigos de *toilette* de uso quotidiano e outras tantas miudezas adquiridas nos estabelecimentos de *bric-à-brac* do *Jone*, como o nativo costuma chamar à cidade de Joannesburgo.

Nesta fase de opulência são conhecidos por *magaiças*, denominação que se vai diluindo à medida que o dinheiro e a magnificência se vão minguando.

O regresso à terra natal ordinariamente é passado os dezoito meses.

Os que emigram com projectos de casamento deixam a terra com saudades, particularmente da noiva que ficou. Foram lançados os preliminares da futura união porque os futuros sogros já receberam, em parte ou no todo, o *lobôlo* (garantia que os pais da noiva recebem do genro em dinheiro, ou equitativamente em dinheiro e em gado, ou em alfaias agrícolas, como: charruas, enxadas, pás, etc.). Antigamente, isto é, nos tempos de Gungunhana o lobôlo era quase em todos os casamentos, pago, segundo reza a tradição, em enxadas.

Se o lobôlo está totalmente pago, o casamento celebra-se dias depois da chegada do noivo. Uma grande cerimónia, um famoso *batuque*, algumas reses sacrificadas, muitas e volumosas bilhas de barro cheias de bebidas fermentadas. São dias de festa, até completo esgotamento das comidas, especialmente das bebidas. Construiu-se uma palhota para a instalação do novo lar; alguma mobília dentro da palhota: uma cama, uma mesa, uma ou duas cadeiras, um ou dois banquinhos de pau, alguns utensílios de cozinha e vasilhame de barro cozido.

Uma temporada depois nasce o primeiro bebé, tempos adiante, o segundo, mais adiante, o terceiro e assim vai seguindo. É infalível

que todas as vezes que a mulher concebe tem de se sujeitar durante o período da gravidez ao tratamento junto dos curandeiros *tinhangá*, ingerindo o inevitável *muri* (infuso ou macerado de raízes, cascas, folhas ou frutos de certas plantas silvestres).

Muita vez as doses são mal calculadas ou venenosas e a criminosa e nefasta actividade desses médicos *tratantes* tem como epílogo a morte das pessoas que neste caso ou em qualquer outro de doença foram receber o suposto tratamento.

Dissemos atrás que o *magaiça* regressa à terra natal sempre contente, desde a saída do *Jone* até a chegada à sua povoação, a alegria é esfuziante; cantam canções durante toda a viagem, canções inúmeras e quase sempre alusivas a algum facto ocorrido na terra antes da sua saída para o estrangeiro ou a algum episódio da sua vida.

É tradicional no meio indígena, o *magaiça* no regresso à terra da naturalidade pagar uma libra ao respectivo regedor das terras (régulo), a título de ter guardado pelo tempo de ausência os teres e haveres. Mas há mais: a mesma libra paga, segundo consta, (não se sabe ao certo porque o nativo nunca revela este pormenor) os cuidados de vigilância que o régulo teve com a mulher do *magaiça*, evitando durante a ausência deste quaisquer ofensas corporais de parte de algum mal-intencionado. Sendo isto verdade, os régulos desempenham ao presente o papel dos torturantes e históricos cintos de castidade do tempo dos cruzados.

Se, conforme mencionamos, o casamento é um motivo para festa, não menos é o nascimento de uma criança ou morte de qualquer membro de família.

Sempre o infalível batuque, um aglomerado de pessoas, as competentes comidas e bebidas.

É interessante a forma como sepultam o cadáver: o defunto é colocado numa cripta aberta numa cova que tem quase um metro de profundidade, depois de bem embrulhado num cobertor ou pano de algodão (capulana) ou qualquer peça de roupa que tenha sido de uso do falecido. Tapam a cova e por cima desta depõem todos os artigos que foram pertences do defunto, como: vestuário, calçado, utensílios de mesa e cozinha, artigos de *toilette*, etc. Bem entendido, evitam de pôr sobre a cova tudo quanto seja valioso. A colocação desses artigos sobre a cova é consoante o sexo do falecido. Se for

homem, arrumam-nos do lado da cabeça; se for mulher, do lado dos pés.

Entre os nativos do Bilene contam-se diversas profissões: enfermeiros auxiliares, parteiras visitadoras, professores do ensino rudimentar, carpinteiros, pedreiros, agricultores, serviçais domésticos e das empresas agrícolas, comerciais ou industriais, serventuários do Estado, como: serventes, intérpretes, cipaios, etc.

Por serem muito interessantes os factores que se desenrolaram no Bilene, vamos transcrever o bem elaborado resumo histórico publicado no Anuário da Colónia de Moçambique, 1949-1950: «Por Portaria número 30 do Governo do Distrito Militar de Gaza, de 3 de Outubro de 1897, confirmada em 10 do mesmo mês pelo Comissário Régio, foi criado o Comando Militar do Bilene, Inchobane e Mananga, com sede no alto de Inchobane, limitando: ao Norte com o rio Unetze, desde a fronteira do Transvaal até à embocadura do Sadzi, numa linha que partindo deste ponto, passa pelo Norte das terras do régulo Macanhana e vai ter ao Limpopo, no limite Norte das terras do régulo Chicungo, quase em frente de Matanguana; a Leste e Sudeste com o rio Limpopo, até às terras de Guide-Guide, seguindo uma linha que passa pelo lado Oeste dos régulos Espenhana, Sidude, Languene, Inhiussa e Chissano. A Sudoeste e Oeste com o distrito de Lourenço Marques.

Pelo artigo 27 do decreto orçamental de 27 de Junho de 1907, foi o território do extinto distrito de Gaza dividido em cinco circunscrições civis e um comando militar no Alto Limpopo desde quando data a actual circunscrição do Bilene.

Por Portaria número 881, de 3 de Setembro de 1909, foi transferida a sede da circunscrição para a povoação da Macia.

Na margem direita do rio Limpopo (Bembe), veio estabelecer-se, primitivamente, uma tribo vinda do Noroeste, da região de Monomotapa, tendo como chefe supremo o Bila, pacífico mas austero, que conseguia dominar o seu povo sem grandes violências.

É o aborígene que depois é designado por Bila ou Bilene donde provém o nome desta circunscrição: — BILENE.

Duma outra tribo, a Tsimba, ida de Quiloa e Mombaça por 1550, que se estabeleceu na margem direita do Zambeze, desertou um grupo que desceu até ao Sul, se fixou na margem direita do rio Mazimuchope e lago Chuale e se expandiu na direcção do Limpopo

e para o Sul, formando hoje uma região conhecida por Zimbene, régulado Uamassengana. Esta tribo está hoje quase extinta.

Mais tarde, por 1755, uma nova tribo, a Cossa, chefiada por Cossa e oriunda das regiões ao Norte de Monaba (Zululândia) estabeleceu-se junto à margem do rio Mazimuchope e lago Chuale. Cossa, chefe desta tribo invasora, morreu em 1794.

A circunscrição do Bilene está subdividida em quatro famílias: Bilas, Mabuingelas e Mundaus, da tribo Tonga, e Munganos, da tribo Zulu.

Vindo da Zululândia, chegou ao Bilene, em 1810, um chefe de guerra de Chaca, chamado Manicusse (avô do Gungunhana), trazendo consigo uma grande parte dos vassallos daquele régulo.

Chaca, querendo castigar Manicusse, que lhe levou o melhor dos seus homens, mandou os seus indunas com grandes *impis*, batê-lo. Foi a primeira guerra que se deu em terras do pacífico Bila. Venceram as forças do Chaca, tendo Manicusse que se refugiar em Musapa, então sob o domínio de Zaba, com quem guerreou, vencendo-o. Zaba foi então para a margem direita do Zambeze onde, em 1825, fundou o império dos Angunis, no Niassa, e de Mepessene, no Alto Aruângua.

Tempos depois, sabendo Manicusse que a gente de Chaca se tinha retirado do Bilene para Monaba, acossado pela fome e pela doença e já em número reduzido, regressa ao Bilene onde novamente se estabelece, próximo do Chibuto, dominando os Cossas e os Bilas.

Após a sua morte, o império fundado por Manicusse, que se estendia do rio Incomati até o Luabo, é disputado por dois dos seus filhos: Mauéua e Muzila. Com auxílio do Governo do distrito de Lourenço Marques, Muzila saiu vencedor dos combates que deu a seu irmão Mauéua, em Cunenvecujana, nos dias 17 a 20 de Agosto de 1862. O Governo pôs assim termo à luta entre os dois irmãos.

Muzila esteve algum tempo no Bilene, indo estabelecer-se em Mussapa, mandando um seu parente, de nome Madjebo, tomar conta das terras de Gaza-Bilene, que foram divididas em régulados subalternos.

Por acordo com o Governo, os limites Sul dos territórios sob a influência de Muzila ficaram definidos pelo pântano de Machacahomo e a Lagoa Pati.

Muzila teve também residência em Macontene ou Mecontuíne, hoje pertencente às terras da circunscrição de Chibuto, onde em 10 de Agosto de 1897, foi morto Maguiguana, o mais valente guerreiro de Gungunhana.

Muzila morreu em 1885, deixando uma vasta descendência.

Sucedeu-lhe seu filho Mudungaze, vulgo Gungunhana. Este estabeleceu a sua residência em Mussapa, Mussurize, (que na carta geográfica de 1886 vem designado com o nome de Gungunhana) em fins de 1891 ou princípios de 1892, parece ter fixado definitivamente o seu KRAAL em Manjacaze, adiante do vau de Chicomo, tendo previamente dominado os *Chopes*, que fugiram para as terras de Zavala, em Inhambane.

A 8 de Setembro de 1895 dá-se o glorioso combate de Magul, em terras do Bilene contra o famigerado Matibejana. Um monumento ali mandado erigir pelo General Freire de Andrade, e inaugurado em 1907, relembra essa gloriosa acção, em que 275 soldados europeus venceram mais de 6.000 homens de Gungunhana.»

## REGIME ALIMENTAR

A região do Bilene não apresenta uniformidade no que respeita à constituição de terrenos, havendo pois notáveis diferenças, por vezes, entre dois pontos situados a pequena distância um do outro.

O aspecto hidrográfico, orográfico, o de grandes planícies da região, alteram muito o regime agrícola, influência que se faz sentir nas normas alimentares do nativo. As terras são fartas, sobretudo em frutos de vegetação espontânea, silvestre, que o indígena muito aprecia.

Caso de carência absoluta de vitaminas, no Bilene, são muito raros. Observa-se apenas um reduzido número de casos de hipovitaminoses manifestados pelo raquitismo, hemorragias, nevrites, estomatites, dermatoses, etc.

No registo nosológico não se tem encontrado quaisquer manifestações carenciais graves. É de crer que isso seja devido ao regime alimentar do nativo do Bilene que é de múltipla composição.

A maioria do indígena pode bem ser enquadrada no grupo dos nutridos; a região, especialmente em anos de pluviosidade regular

é de abundantes recursos alimentares e existem faixas de terreno de grande fertilidade.

Há rios, riachos, lagoas, orla marítima, zona alta, vulgarmente chamada SERRA, zona baixa, alagadiça, de grandes planícies nas margens do Limpopo, conhecido por VALE.

Depreende-se fàcilmente deste aspecto hidro-orogràfico que a produçãõ agricola e os recursos alimentares do indigena se modificuem consoante faixas de terreno que ocupam. Mas de uma forma geral pode-se resumir no seguinte o regime alimentar do nativo do Bilene:

*Carnes* — Galinha, cabrito domèstico e do mato, vaca, coelho do mato, diversos antilopes, ratos e toupeiras, hipopótamo, havendo alguns que comem carne de certas cobras, lagartos e crocodilos.

*Peixes* — Toda a espècie quer dos lagos, rios, riachos e de outras coleccões de àgua doce, quer do mar, bem assim moluscos, ostras e caranguejos.

*Óleos* — Amendoim, mafurra, gergelim e de semente de algodão.

*Hortaliças* — Rama de abóbora, rama de batata doce, *boa*, *cacane*, nabos, feijão verde, couve, tomates, quiabos, gonçalinhos, etc.

*Cereais* — Arroz, ameixoeira, ervilha, feijão, grão-de-bico, mapira, milho, *tendoge*, *mungosa*, etc.

*Tubérculos* — Batata doce, batata, cebola, mandioca, *tulhuvo*, etc.

*Leite* — De vaca e cabra (o leite de cabra não é muito apreciado entre os indigenas).

*Frutos* — Abóbora, ananás, anona, ata, banana, caju, *canho*, laranja, limão, *macuácu*, manga, *machanzala*, *mafilua*, *maimbe*, *marôfa*, *matondo*, *massala*, papaia, pêssego, tangerina, *timucho*, *timula*, amêndoa de caju, etc.

*Condimentos e temperos* — Pimentas de vários tamanhos (piri-piri), açafão, alhos, sal, mel de abelhas, etc.

*Bebidas alcoólicas* — Vinhos licorosos, de pasto, de fabrico metropolitano, cerveja, aguardentes de várias espècies (de cana, milho, mapira, ameixoeira, caju, *maimbe*, batata doce, *canho*, *putzo*, (de milho e mapira), *bavi-sôco* (de farinha de milho, açúcar e fermento), *chichichimelane* (de cana doce e mel de abelhas), etc.

Há indigenas que não comem peixe mas sim carne, seguindo a tradiçãõ dos Zulus, tribo a que pertenceu o Gungunhana. Outros há

que comem toda a espécie de peixe mas excluem do regime alimentar a carne de qualquer animal quadrúpede.

Resumindo, temos as seguintes épocas aproximadas de colheita de gêneros frescos que o nativo utiliza para a sua alimentação: primeiro trimestre: ananás, ameixoeira, banana, caju, castanha de caju, ervilha, feijão, grão, mapira, milho, laranja, limão, tangerina, etc. Segundo trimestre: amendoim, arroz, batata doce, alguns frutos do trimestre anterior, diversa hortaliça, etc. Terceiro trimestre: idem. Quarto trimestre: abóbora, ata, anona, caju, canho, castanha de caju, *machanzala*, *macuácua*, mafurra, *maimbe*, manga, mandioca, *massala*, *matondo*, papaia, pêssego, pêra-goiaba, pêra-abacate, *tulhuvo*, *timucho*, *tinula*, etc.

A alimentação predominante do indígena é a farinha de milho, amendoim, feijão, mandioca, carnes diversas e peixe.

O milho é reduzido a farinha por dois processos: 1.º, pilam-no no pilão para o partir, peneirando-o depois para o separar do farelo; conservam o milho assim tratado numa panela com água por umas doze horas e decorrido esse tempo retiram-no daquele recipiente a fim de ficar enxuto. Depois de enxuto pilam novamente até se tornar em farinha, operação que é algo demorada visto que sai do pilão repetidas vezes para a peneira (lichêlo) que separa a farinha propriamente dita do grão partido. Procedem desta maneira até ficar tudo em farinha fina e branca. Segundo processo: deixam-no por doze horas numa panela com água e moem depois noutro recipiente (lisso), juntando-lhe aos poucos água quer para facilitar a moagem quer para se tornar em massa de farinha de boa qualidade e pronta a cozinhar.

A farinha depois de cozida em água, temperada com pouco sal, é ingerida aos poucos, enformada na mão à laia de bolos ovóides e molhada na *caril* (molho de carne ou peixe ou de amendoim ou de quaisquer folhas de hortaliça ou ainda de folhas de plantas silvestres comestíveis). O nativo, quando pode, come desalmadamente enfar-tando e dilatando desmedidamente o estômago. Expele de quando em quando ruidosas eructações, consequência fatal da abundância da comida.

Ingerem poucos líquidos; durante as refeições quase que não tocam na bilha de água. De um modo geral, o indígena bebe pouca água, exceptuando, quando se encontra sob trabalhos árduos e pesa-

dos, sob soleira ardente ou quando a transpiração lhe é contínua e violenta.

Dissemos no princípio do presente capítulo que as hipovitaminoses ou avitaminoses eram raras nesta região pela simples circunstância de alimentação do indígena ser de múltipla composição. Não é tudo. Há uma outra razão bem preponderante «o sol» que muito contribui para reduzir ao mínimo, na área do Bilene, as doenças carenciais, especialmente o raquitismo e a osteomalacia. Bem sabemos que todo o nativo labuta sob ardores do sol recebendo toda a sua importante acção química.

Vejamos o que escreve a esse respeito o Prof. Dr. Pacheco de Figueiredo no seu livro «A Hiponutrição do Escolar Goês». Só no Punjab, onde o trigo é o cereal-base e se consomem quantidades relativamente importantes de hortaliça de folhas verdes e alimentos protectores de origem animal, o leite em especial, o estado de nutrição é bom e as doenças de carência não são frequentes. Pois bem, tratando-se de distribuição do raquitismo e osteomalacia verificou-se que precisamente na região de Punjab a incidência era grande, ao contrário do que se notava noutras áreas, onde se consome o arroz exceptuando Kashmir. É que na incidência do raquitismo e da osteomalacia ao lado de alimentação e sua riqueza em cálcio é preciso tomar em consideração um outro factor muito importante que é o precursor de vitamina D — o sol. Ora em todas as regiões da Índia, como em Punjab, onde ainda hoje existe o hábito secular e anti-higiênico da reclusão feminina, conhecido pelo nome de *pardah*, o raquitismo e a osteomalacia constituem verdadeiros flagelos, este atacando as mulheres durante a gravidez e lactação e aquele principalmente as crianças que permanecem *encerradas* com as mães. Também na Índia Central e no Sul, entre os Borahs, Banianes e Marwaris, cujas mulheres observam o *pardah*, não com rigor, existe osteomalacia, em grau moderado.

Wilson e Widdowson que examinaram 9.178 crianças, de 5 a 15 anos, fazem um interessante *mise au point* sobre o assunto. Na área de Punjab a incidência do raquitismo entre as raparigas e mulheres hindus e moslems que observam o *pardah* varia de um lugar para outro. Assim, enquanto numa cidade densamente povoada como Lahore, onde as casas são contíguas e pouco espaçosas, a incidência é muito grande; em Ludhiana, onde as casas são vastas, as mulheres

e as crianças passam o seu tempo nos pátios interiores, batidos pelo sol, a doença é rara.»

O Regulamento do Trabalho Indígena, em vigor nesta Província de Moçambique, preceitua nos seus artigos 210 e 212 que os serviçais indígenas tenham rações alimentares certas, pelo que, tabelou seis tipos de rações que devem ser fornecidas pelos respectivos patrões.

No quadro anexo B discriminamos a tabela.

Em todos os tipos de rações alimentares referidas no quadro B vê-se bem que o valor quantitativo das proteínas, gorduras e hidratos de carbono está equilibrado e consequentemente satisfeito o necessário de calorías.

Embora as leis fisiológicas não marquem nitidamente um limite do quantitativo necessário daqueles elementos por haver divergência entre os fisiologistas, os notáveis fisiologistas Guatier e Atwater mostram que uma ração de trabalho violento deve conter aproximadamente o seguinte:

albuminóides . . . . .	152	gramas	em	24	horas
gorduras . . . . .	85	»	»	»	»
hidratos de carbono . . . . .	630	»	»	»	»
calorias . . . . .	3884		»	»	»

Segundo o sábio fisiologista alemão Rubner, a actividade humana é dividida em quatro tipos:

Repouso relativo  
Trabalho fraco  
Trabalho médio  
Trabalho forçado

No repouso relativo um trabalhador de 70 quilos gasta 2.303 calorías em 24 horas; no trabalho fraco, 2.445; no trabalho médio 2.268; no trabalho violento, 3.362.

Feitas as contas devidas, vemos que o número mais baixo das calorías da tabela aprovada pelo Regulamento do Trabalho Indígena é do tipo A que apresenta 3.907 calorías, sendo o mais elevado o do tipo B que tem 4.385 calorías.

Portanto pelas referidas tabelas chegamos à conclusão que o total das calorias encontra-se bem enquadrado no que exigem aqueles sábios fisiologistas.

O problema da alimentação dos trabalhadores é tarefa muito complexa e não se pode resolver com o rigor das leis da matemática.

É preciso atender à qualidade de trabalho, à composição qualitativa especialmente pelo lado das proteínas, gorduras, hidratos de carbono, riqueza vitamínica, volume e peso das rações, recursos da terra, *habitat*, usos e costumes da região, etc., etc.

Entre as tabelas aprovadas, em nosso entender, devia haver uma que fosse substituir parcial ou integralmente a farinha de milho ou de mandioca que é fornecida todos os dias, pelo arroz. Este cereal não é difícil de obter em toda a região do Bilene, porque o há em toda a extensão desta vasta Província, e o nativo aprecia-o muito.

Por exemplo o tipo F, podia ser assim:

arroz . . . . .	250	gramas
farinha de milho ou mandioca . . . . .	600	»
amendoim . . . . .	150	»
sal . . . . .	20	»

*Mutatis mutandis*, podia-se alterar igualmente um outro tipo da tabela aprovada para o serviço ficar em dois dias por semana com arroz.

Além das considerações que abordamos sobre rações alimentares cumpre-nos mencionar mais a necessidade de fornecimento obrigatório aos serviços indígenas, entre legumes e frutos, ao menos duas vezes por semana, de limão e bananas. Estes dois frutos há-os em toda a região do Bilene e são ricos em vitaminas A, B e C.

## NOSO-NECROLOGIA

O aspecto noso-necrológico da região é vasto e variado. Os elementos do quadro C foram colhidos dos livros das consultas externas e dos documentos arquivados na Delegacia de Saúde do Bilene. Os números representativos dos óbitos constantes do quadro D não constituem dados certos.

Se são certos os dados obtidos no arquivo da Delegacia de Saúde, onde todo o doente é registado, os outros procedentes da Administração da Circunscrição do Bilene, não são seguros por os indígenas, devido ao seu ainda atrasado grau de civilização, ignorarem as vantagens do Registo Civil.

Passando uma rápida vista de olhos pelo quadro C vemos que durante o quinquénio 1946-1950, as doenças infecciosas e parasitárias ocupam o mais alto lugar da escala, sendo o seu número 32.650, isto é, 47 por cento da totalidade dos casos.

Os morbos mais importantes, pertencentes ao referido grupo de doenças infecciosas, foram: bilharziose vesical, boubas, gripe, gonococia, paludismo, parasitoses intestinais, sarampo, sarna, sífilis, varicela, etc.

A incidência das doenças em qualquer dos anos do quinquénio foi irregular. Todos os casos evoluíram com benignidade e o nativo recebeu bem todo o tratamento que se lhe impôs, frequentando regularmente os departamentos hospitalares adequados.

A seguir ao primeiro capítulo das Nomenclaturas Nosológicas, segundo a Convenção de 1929, adoptada por Portaria Ministerial N.º 6.983, de 12 de Dezembro de 1930, vemos que o capítulo sexto «Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos», tem uma proeminência de casos que ascendem, durante o citado quinquénio, a 11.024 o que representa aproximadamente 16 por cento do número global de doenças. Neste número estão englobadas diversas perturbações dos sentidos, especialmente as conjuntivites; este morbo aparece quase sempre, nesta região, pelos fins do ano, tornando-se epidémico e com uma intensa virulência contagiosa. Por vezes famílias inteiras passam a frequentar o hospital. A doença evolui na maioria de casos com benignidade e o paciente fica bom dentro de escassos dias de tratamento.

O terceiro lugar é ocupado pelo capítulo nono das referidas nomenclaturas «Doenças do aparelho digestivo» que apresenta 9.326 casos durante o quinquénio 1946-1950. Estabelecendo as devidas percentagens vemos que a sua posição em relação ao total dos casos, é de 13 por cento. As perturbações que deram maior contingente, foram as diarreias, enterites, gastro-enterites, sobretudo infantis, etc. De uma maneira geral todo o nativo é afeito ao mal gas-

tro-intestinal por o seu regime alimentar não ter normas certas e regradadas. Come e bebe o que lhe apetece e... quantas vezes, alimentos absolutamente tóxicos! Já demonstramos atrás com relativos pormenores a ementa alimentar do nativo, qualitativa e quantitativa.

Entremos agora na breve análise do capítulo décimo sétimo que é o das «Doenças produzidas por acidentes ou outras violências». Notamos que o número de casos é de 6.743, uma percentagem de 9 por cento. Neste grupo englobamos as lesões motivadas por queimaduras, quedas, submersões, ataques de animais venenosos, violências exercidas por animais, atropelamentos, etc. Durante o quinquênio já mencionado, como se viu, foi elevado o número de acidentados, mas sem predominio deste ou daquele acidente, exceptuando muitos casos de queimaduras. As fogueiras familiares que todo o nativo tem habitualmente dentro da palhota, são causadoras do acidente acabado de referir. Muitos epilépticos são vítimas de queimaduras; estes infelizes sentados por vezes à volta da fogueira, caem nela súbitamente com um ataque.

Seguindo pela ordem decrescente a escala de casos do movimento nosológico, em quinto lugar depara-se-nos o capítulo décimo segundo «Doenças da pele e do tecido celular». São 4.226 casos, o que significa uma percentagem de 6 por cento do número 68.923 já citado.

A frequência hospitalar do indígena por motivos da doença da pele e do tecido celular é quase sempre causada por infecções de origem longínqua e como tal desconhecida do paciente. A grande maioria do indígena anda descalça e por caminhos maus e matosos do interior. Uma picada de espinho, um pau de lenha, ou uma pedra, etc., que encontrou, nos tempos remotos, pelo caminho, fizeram-lhe uma ferida aberta causando dores e, por vezes, abundante hemorragia. Suportou as dores como pôde mas a hemorragia, com conhecimentos de limpeza menos que elementares, foi estancada com aplicação do primeiro trapo ou folha de árvore que teve à mão. Claro, passados dias infectou-se a lesão; suportou tudo. Decorrido bom período de tempo, o ferimento agravou-se, estendeu-se em superfície e profundidade, ulcerou-se e é nesta fase que o nativo se decidiu a recorrer à *medicina do branco*. A origem dos ferimentos é sempre uma picada ou corte accidental dos tempos remotos.

Resumindo, as percentagens do movimento nosológico durante o quinquénio de 1946-1950, temos:

Doenças infecciosas e parasitárias . . . . .	47 %
Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos . . . . .	16 %
Doenças do aparelho digestivo . . . . .	13 %
Doenças produzidas por acidentes ou outras violências . . . . .	9 %
Doenças da pele e do tecido celular . . . . .	6 %
Outras doenças . . . . .	9 %

Referimos atrás que os elementos do movimento necrológico não eram completos nem seguros. O nativo não se preocupa em fazer a participação obituária nas Administrações, Repartições onde funciona o Registo Civil. Fã-lo sòmente quando lhe convem. De uma maneira geral a rubrica «Causas não especificadas ou mal definidas» do capítulo «Causas de morte indeterminadas» das referidas nomenclaturas, representa o registo obituário, melhor, elementos colhidos na Administração da Circunscrição do Bilene. O total é de 918 óbitos ou seja, 82 por cento do número global dos falecidos durante o quinquénio.

A seguir ao capítulo décimo oitavo que é de «Causas de morte indeterminadas», apresenta-se o capítulo primeiro «Doenças infecciosas e parasitárias»; a soma das causas de óbitos englobadas neste grupo perfaz 54 o que exprime a percentagem aproximada de 5 por cento. O mesmo se verifica nas «Doenças da primeira idade», capítulo décimo quinto, cuja totalidade quinquenal é de 51 óbitos.

Vamos dar a seguir a sùmula das causas de morte e suas percentagens, pela ordem decrescente, durante 1946-1950:

Causas de morte indeterminadas. . . . .	82 %
Doenças infecciosas e parasitárias . . . . .	5 %
Doenças da primeira idade. . . . .	5 %
Outras doenças . . . . .	8 %

## CONCLUSÕES

Finalizando esta sucinta monografia podemos dizer que o nativo do Bilene torna-se cheio de interesse para um estudioso; no futuro, um estudo circunstanciado e desenvolvido do seu carácter, *habitat*, usos e costumes, etnologia, etc., seria de merecimento.

Fisiologicamente enquadrámo-lo no grupo de individuos de relativa robustez física, bem proporcionado, com qualidades de adaptação a qualquer espécie de serviço. São variadas as actividades profissionais que o indígena do Bilene adopta.

Muitos adquirem usos e costumes de vida civilizada, aproximando-se espontâneamente em qualquer situação de emergência das autoridades que os rodeiam, em particular das autoridades administrativas.

Quanto à parte sanitária, também, embora haja fanáticos por curandeirismo e fervorosos admiradores dos charlatães, o indígena vai compreendendo muito sensivelmente que a *medicina do branco* é a melhor, de efeitos duradouros.

Entre os elementos demográficos de 1950, encontramos a densidade populacional do Bilene crescente em relação à do censo do decénio anterior, densidade muito importante tratando-se do indígena africano.

As estatísticas provam de um modo evidente os benéficos resultados da actividade laboriosa de todos quanto pugnam em prol do nativo moçambicano.

## RÉSUMÉ

Le natif du Bilene a beaucoup d'intérêt pour un studieux; il mérite, dans l'avenir, une étude précise et développée de son caractère, habitat, usages et habitudes, ethnologie, etc.

Physiologiquement nous le mettons dans le groupe d'individus d'une certaine force physique, bien proportionné, avec des qualités d'adaptation à quelque sorte de service. Les activités professionnelles adoptées par l'indigène du Bilene, sont très variées.

Beaucoup d'eux acquièrent des habitudes et des usages de la vie civilisée, s'approchant spontanément dans quelque situation d'urgence, des autorités qui les entourent, en particulier des autorités administratives.

En ce qui concerne la partie sanitaire, quoiqu'il y ait des fanatiques par la charlatanerie et de fervents admirateurs des charlatans des forêts vierges, l'indigène du Bilene est aussi en train de comprendre très sensiblement, dû à de vaillantes campagnes et de la propagande sanitaire que les Services de Santé de la province de Mozambique réalisent sans repos, que la médecine du blanc est meilleure, ayant des résultats plus sûrs et durables.

Entre les éléments démographiques de 1950, nous avons trouvé la densité de population du Bilene croissante en relation à celle du cens decennal antérieur, une densité très importante étant question de l'indigène africain.

Les statistiques démontrent d'une manière évidente les bienfaisants résultats de la laborieuse activité de tous ceux qui combattent en profit du natif de Mozambique.

#### SUMMARY

The natives of Bilene are very interesting for the one who is devoted to study. In future it would be worth while to make a detailed study on the development of their character, habitat, uses and customs, ethnology, etc.

Physiologically they are enclosed in the group of individuals with a certain physical robustness; they are well-balanced and their qualities enable them to make any kind of work. The professional activities of the natives of Bilene are varied.

Many of them get uses and customs of the civilized people and whenever they need spontaneously they look for the authorities, principally the administrative authorities, who are near by them.

In what concerns the sanitary part there are still many people who believe in quack doctors and admire the charlatans of the jungle. However the natives of Bilene are steadily learning that the *medicine of the whites* is the best one, with more secure and lasting effects. This has been due to the endeavour of all who work in favour of their welfare and particularly due to the hard campaigns and sanitary propagand that the Public Health Activities of Moçambique are carrying on.

In the demographic elements of 1950 it was found that the density of the people of Bilene were increased in relation to the census of the period of the 10 years before. It was a very important density on account of it being of African natives.

The statistics prove evidently the successful results of the hard activity of all who work in favour of the natives of Moçambique.

#### BIBLIOGRAFIA

- ERNESTO DE VASCONCELOS (1921) — As Colónias Portuguesas.  
J. B. AMÂNDIO GRACIAS (1922) — Monografia da Província de Cabo Verde.  
J. A. PIRES DE LIMA (1938) — Os povos do Império Português.

- A. A. MENDES CORREIA — Antropologia.
- A. C. HADDON — Les races humaines et leur repartition géographique.
- CLÁUDIO FERREIRA (1941) — Índice de natalidade da Subdelegação de Saúde do Lago.
- JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO (1942) — A hipo-alimentação, causa de depauperamento do indígena — Ligeira contribuição para o seu estudo e correcção (dactilografado).
- J. M. PACHECO DE FIGUEIREDO (1943) — O problema da hipo-nutrição do escolar Goês.
- J. R. DOS SANTOS JÚNIOR (1944) — Contribuição para o estudo de Antropologia de Moçambique.
- F. A. GONÇALVES FERREIRA (1945) — Vitaminas.
- AIRES PINTO RIBEIRO (1946) — Programa de acção sanitária e profiláctica.
- CLÁUDIO FERREIRA (1946) — Relatório anual (dactilografado).
- Anuário da Colónia de Moçambique* (1949-1950).

## QUADRO A

## Censo da população indígena do Bilene — 1950

Réglados	Adultos		Mencres		Total
	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	
Acata . . . . .	247	357	248	249	1.101
Bangul . . . . .	438	625	454	482	1.999
Bolene . . . . .	619	574	554	408	2.155
Canheze . . . . .	522	615	602	703	2.482
Chabel . . . . .	1.305	1.359	1.036	814	4.514
Cheaquekana . . . . .	1.080	1.205	1.093	965	4.343
Chichango . . . . .	1.040	1.383	966	815	4.204
Chigoguana . . . . .	227	307	214	213	961
Chinhangana . . . . .	100	125	101	91	417
Contimpsa . . . . .	116	176	144	104	540
Cuetane . . . . .	1.047	1.019	834	635	3.544
Macia . . . . .	1.625	2.004	1.445	1.253	6.327
Machenganhana . . . . .	255	278	209	202	914
Macuana . . . . .	1.729	2.217	1.692	1.291	6.929
Maganhana . . . . .	20	25	22	19	86
Mamonho . . . . .	658	911	635	605	2.809
Manhassana . . . . .	754	883	816	625	3.078
Mongol . . . . .	199	277	211	160	847
Mangubucha . . . . .	121	145	113	136	545
Manzir . . . . .	295	482	305	278	1.360
Messano . . . . .	864	1.014	913	706	3.497
Munhei . . . . .	388	477	379	406	1.650
Muzui . . . . .	2.138	2.070	1.464	1.268	6.940
Pessane . . . . .	252	385	229	208	1.074
Salana . . . . .	2.904	3.205	2.113	1.917	10.139
Uachissengana . . . . .	1.240	1.166	855	674	3.935
Uadabo . . . . .	686	892	613	769	2.960
Uamassengana . . . . .	1.040	1.025	839	716	3.620
Uamechinga . . . . .	853	1.191	908	936	3.888
Uamecutzo . . . . .	74	108	63	77	328
Uanjuculana . . . . .	1.091	1.401	1.133	1.167	4.792
Zuza . . . . .	1.311	1.604	1.304	1.306	5.525
<b>SOMA . . . . .</b>	<b>25.248</b>	<b>29.535</b>	<b>22.522</b>	<b>20.198</b>	<b>97.503</b>

**QUADRO B**  
**Alimentação dos Serviçais**

(Artigos 210, 211 e 212 do Regulamento do Trabalho Indígena)

Géneros	Quantidades em gramas
<i>Tabela A</i>	
Farinha de milho ou de mandioca . . . . .	900
Carne fresca . . . . .	250
Amendoim . . . . .	100
Sal . . . . .	20
<i>Tabela B</i>	
Farinha de milho ou de mandioca . . . . .	900
Peixe fresco . . . . .	250
Amendoim . . . . .	150
Sal . . . . .	20
<i>Tabela C</i>	
Farinha de milho ou de mandioca . . . . .	900
Carne seca . . . . .	150
Amendoim . . . . .	100
Sal . . . . .	20
<i>Tabela D</i>	
Farinha de milho ou de mandioca . . . . .	900
Peixe seco . . . . .	150
Amendoim . . . . .	150
Sal . . . . .	20
<i>Tabela E</i>	
Farinha de milho ou de mandioca . . . . .	900
Feijão cafreal . . . . .	150
Amendoim . . . . .	100
Sal . . . . .	20
<i>Tabela F</i>	
Farinha de milho ou de mandioca . . . . .	900
Amendoim . . . . .	200
Sal . . . . .	20

*Ementa :*

Domingo, terça e quinta-feira: — qualquer das tabelas A-B-C-D.

Segunda e sexta-feira: — tabela E.

Quarta-feira e Sábado: — tabela F.

Diariamente, e antes de largar para o trabalho, uma papa quente de:

Farinha de milho . . . . .	150
Açúcar . . . . .	75

As quantidades indicadas nas tabelas supra correspondem à ração diária e são distribuídas por duas refeições (almoço e jantar).

Além disto, os patrões são obrigados a fornecer, três vezes por semana, legumes ou frutas, à razão de 150 gramas por cada trabalhador.

QUADRO C

Movimento nosológico

Nomenclaturas nosológicas (segundo a Convenção de 1929)

	Anos					Total
	1946	1947	1948	1949	1950	
Cap. I — Doenças infecciosas e parasitárias . . . . .	15.302	3.679	4.642	4.370	4.657	32.650
» II — Cancro e outros tumores . . . . .	—	—	11	21	11	43
» III — Doenças reumáticas, doenças da nutrição, das glândulas endócrinas e outras doenças gerais . . . . .	160	260	441	353	360	1.544
» IV — Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos . . . . .	48	54	42	51	39	234
» VI — Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos . . . . .	1.338	1.666	2.852	2.470	2.698	11.024
» VII — Doenças do aparelho circulatório . . . . .	18	—	22	15	16	71
» VIII — Doenças do aparelho respiratório . . . . .	144	187	856	854	553	2.594
» IX — Doenças do aparelho digestivo . . . . .	1.219	1.543	2.300	2.179	2.085	9.326
» X — Doenças do aparelho genital e urinário . . . . .	33	52	51	80	59	275
» XI — Doenças da gravidez, parto, estado puerperal . . . . .	8	—	25	51	42	126
» XII — Doenças da pele e do tecido celular . . . . .	288	600	984	1.035	1.319	4.226
» XIII — Doenças dos ossos e dos órgãos da locomoção . . . . .	16	—	17	13	17	63
» XVI — Senilidade . . . . .	3	—	1	—	—	4
» XVII — Doenças produzidas por acidentes ou outras violências . . . . .	2.219	1.381	1.393	797	953	6.343
<b>SOMA . . . . .</b>	<b>20.796</b>	<b>9.422</b>	<b>13.607</b>	<b>12.289</b>	<b>12.809</b>	<b>68.923</b>

QUADRO D

Movimento necrológico

Nomenclaturas nosológicas (segundo a Convenção de 1929)

	Anos					Total
	1946	1947	1948	1949	1950	
Cap. I — Doenças infecciosas e parasitárias . . . . .	18	10	9	9	8	54
» II — Cancro e outros tumores . . . . .			2	2		4
» III — Doenças reumáticas, doenças da nutrição das glândulas endócrinas e outras doenças gerais . . . . .	1		3	2	2	8
» VI — Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos . .	1	2		2	3	8
» VII — Doenças do aparelho circulatório . . . . .	1		2		1	4
» VIII — Doenças do aparelho respiratório . . . . .	2	1	2	3	5	13
» IX — Doenças do aparelho digestivo . . . . .		1	5	8	3	17
» X — Doenças do aparelho genital e urinário . . . . .		1		1		2
» XI — Doenças da gravidez, parto, estado puerperal . . . . .	1			2	2	5
» XII — Doenças da pele e do tecido celular . . . . .	4	1		1	1	7
» XV — Doenças da primeira idade . . . . .	4	6	10	19	12	51
» XVI — Senilidade . . . . .			3	1	2	6
» XVII — Doenças produzidas por acidentes ou outras violências . .	10	3	2	4	1	20
» XVIII — Causas de morte indeterminadas . . . . .	234	79	186	195	224	918
SOMA . . . . .	<b>276</b>	<b>104</b>	<b>224</b>	<b>249</b>	<b>264</b>	<b>1.117</b>

O NATIVO DE BILENE

3535



Fig. 1 — Gente do Bilene — Parteira visitadora



Fig. 2 — Gente do Bilene — Enfermeiro auxiliar

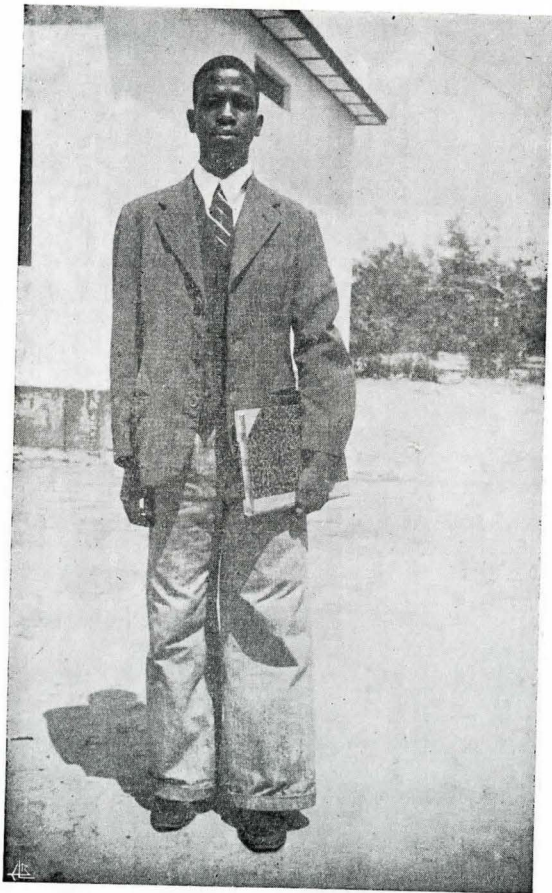


Fig. 3 — Gente do Bilene — Professor do ensino rudimentar (catequista)

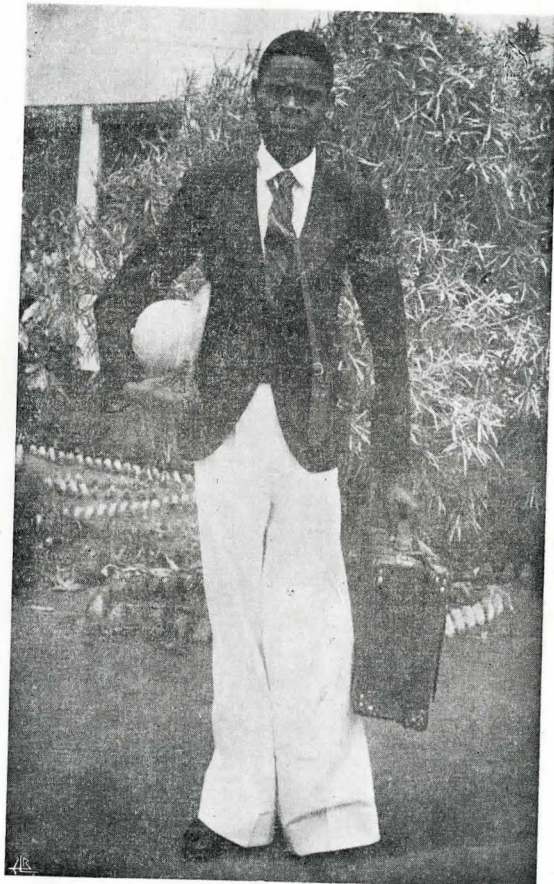


Fig. 4 — Gente do Bilene — Magaiça — Recém-chegado do Jone

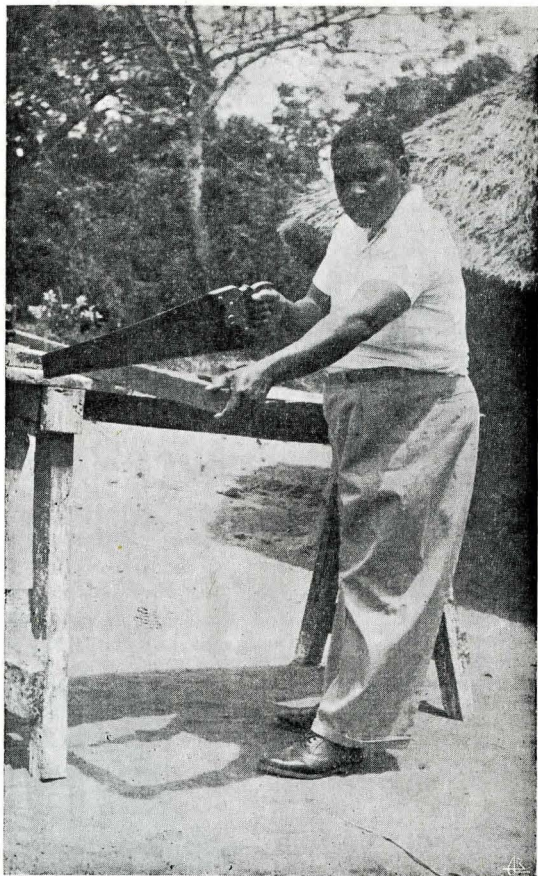


Fig. 5 — Gente do Bilene — Carpinteiro fazendo pela vida



Fig. 6 — Gente do Bilene — Pedreiro em plena actividade das suas funções

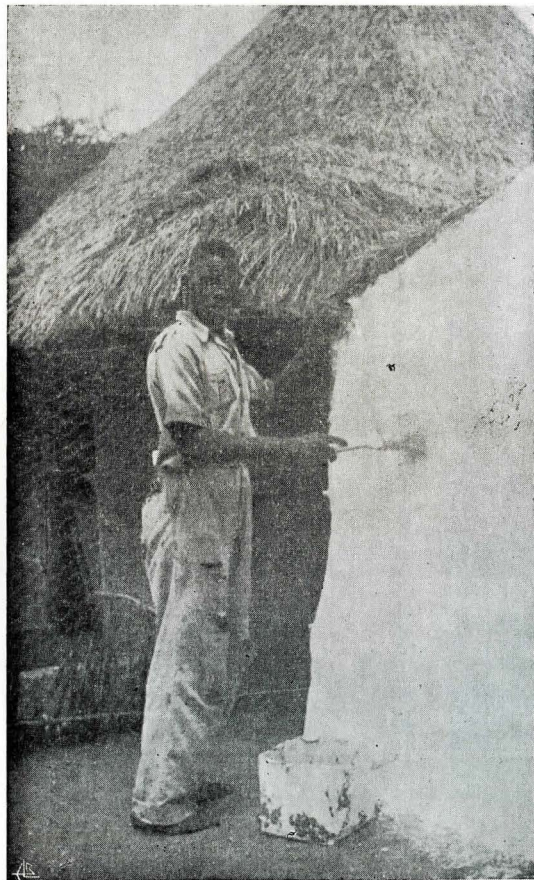


Fig. 7 — Gente do Bilene — Pintor nas horas vagas embelezando a sua palhota



Fig. 8 — Gente do Bilene — Cõnsncia da sua formosura

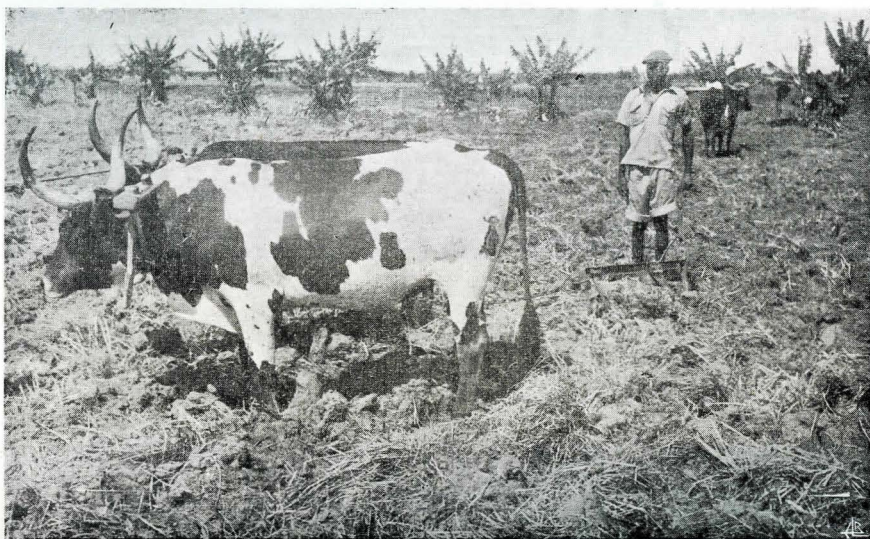


Fig. 9 — Gente do Bilene — Agricultor prevendo a subsistência



Imprensa Portuguesa ★ Rua Formosa, 108-116 ★ PORTO